



The painting of Balbina Mendes -
The place of women in the arts

Her amazing "Ritual Masks of the Douro and Trás-os-Montes" made history, simultaneously that of the place of her childhood, that of her people and traditions, lost and found in time, and her own, unmistakable interpreter and narrator of memories and identity rituals. No less important is it to underline her ability to impose herself in large individual exhibitions, which is, for now, among us, something that is only within the reach of a group of female painters. Although the common perception does not recognize it, at the level of mega exhibitions with a single name on the poster, a large male predominance remains, while in collectives, or in those that are shown, more modestly, in small strongholds, they already surpass men, in a gradual advance, as if they were still in a difficult transition from the private to the public space... She is an example that we can extrapolate, in many other areas, nationally and internationally, an effectively determining finding in the creation of the movement for Art in the Feminine, which, in the last quarter of the 20th century, had one of its most distinguished and bold leaders in Paula Rego, the ultimate symbol of our painting, whose recent passing was the occasion to extol and enthrone her in the pantheon of immortals. In her own words: "My paintings are paintings made by a female artist. The stories I tell are stories that women tell. What is that about genderless art? Neutral art?" [...] "There are stories waiting to be told that have never been told before. They have to do with that, which has never been touched, women's experiences."

An awareness and a discourse with which the feminist avant-garde of that time incorporated the plan of artistic expression in the globality of its struggle - a discourse that, in this as in any other field, is anything but peaceful. More consensual will certainly be Gisele

A pintura de Balbina Mendes - O lugar
das mulheres nas artes

As suas espantosas "Máscaras Rituais do Douro e Trás-os-Montes" fizeram história, simultaneamente do lugar da sua infância, a das suas gentes e tradições, perdidas e achadas no tempo, e a dela própria, inconfundível intérprete e narradora de memórias e rituais identitários.

Não menos importante é de sublinhar a sua capacidade de se impor em grandes mostras individuais, o que é, por ora, entre nós, coisa que só está ao alcance de um escal de mulheres pintoras. Embora a percepção comum não o reconheça, mantém-se, ao nível de mega exposições com um só nome no cartaz, um largo domínio masculino, enquanto nas coletivas, ou nas que são exibidas, mais modestamente, em pequenos redutos, elas ultrapassam já os homens, num avançar gradual, como se estivessem, ainda, em difícil transição do espaço privado para o público... É um exemplo que poderemos extrapolar, em muitas outras áreas, a nível nacional e internacional, constatação eficazmente determinante na criação do movimento pela Arte no Feminino, que, no último quartel do século XX, teve uma das suas líderes mais insígnies e arrojadas em Paula Rego, símbolo máximo da nossa pintura, cujo recente passamento foi ocasião de a enaltecer e entronizar no panteão dos imortais. Nas suas próprias palavras: "As minhas pinturas são pinturas feitas por uma artista mulher. As histórias que eu conto são histórias que as mulheres contam. O que é isso de uma arte sem género? Uma arte neutra?". [...] "Há histórias à espera de serem contadas, e que nunca o foram antes. Têm a ver com aquilo em que jamais se tocou as experiências de mulheres".

Uma tomada de consciência e um discurso com que a vanguarda feminista dessa época incorporou o plano

da expressão artística na globalidade da sua luta - discurso que, diga-se, neste como em qualquer outro campo, é tudo menos pacífico. Mais consensual será, certamente, a exortação de Gisele Breittling em favor de “uma nova e verdadeira universalidade em que o feminino assuma o seu lugar de direito e o masculino as suas verdadeiras proporções”. Balbina faz parte das mulheres que, à partida, se sentem consideradas como iguais, e cuja atitude de despreocupação com disparidades de género, contém, implícita, a intransigente exigência de tratamento igualitário!

A sua arte não procura rivalizar com quem quer que seja, nem obedece a ditames ou limitações de qualquer espécie, segue numa trajetória ascensional de inovação da estética e policromia, do ensaio de técnicas, da fusão de materiais...É genuína e livremente Ela, transmutando para a pintura a experiência ganha nos muitos espaços geográficos e culturais que a sua vivência atravessa e o seu olhar penetra. É única e inconfundível. Se me é permitida uma outra adjetivação, direi: carismática! Uma palavra que tão perfeitamente se ajusta à Autora como à globalidade da sua obra.

Balbina é uma admirável contadora de histórias de vários tempos, do tempo presente a tornar-se passado, ou do passado em dinâmicas e impulsos que o trouxeram até nós, num rasto longo de evocações de festividades populares, rituais, crenças, valores revividos e reconfigurados em toda a sua magia e em todo o seu mistério.

No percurso imparável de Balbina, para mim, no princípio era o rio... porque a conheci na exposição em que nos oferecia uma verdadeira crónica pictural do Douro, deslizando entre margens, da nascente até à foz, incorporado na beleza encantatória de paisagens, onde as gentes apenas se presentiam, sem se verem... Reencontrei-a, depois, em outro e surpreendente ciclo temático, na exposição das Máscaras Rituais do Douro e Trás os Montes, em que os homens se faziam presentes, mas ainda sem se verem... Era o início de um tropo narrativo em torno da máscara, incursão às raízes ancestrais, entrelaçamento telúrico de emoções e saberes, recriados nos traços dos seus pincéis, em explosões de cor... Não resistindo a voltar a uma perspetiva feminista sobre o ineditismo das suas escolhas - perspetiva que, não sendo certamente a de Balbina, me permito ousar - noto a esplêndida audácia com que se apodera, para a eternizar em arte, da tradição masculina da máscara, símbolo, por excelên-

Breittling's exhortation in favour of "a new and true universality in which the feminine assumes its rightful place and the masculine its true proportions". Balbina is one of the women who, from the outset, feel considered as equals, and whose unconcerned attitude towards gender disparities implicitly contains the uncompromising demand for equal treatment!

Her art does not seek to compete with anyone, nor does it obey dictates or limitations of any kind, it follows an upward trajectory of innovation in aesthetics and polychrome, in the testing of techniques, in the fusion of materials... It is genuinely and freely SHE, transmuting to painting the experience gained in the many geographical and cultural spaces that her experience crosses and her gaze penetrates. It is unique and unmistakable. If I may use another adjective, I would say: charismatic! A word that fits the Author as perfectly as it does to the whole of her work.

Balbina is an admirable storyteller of different times, of the present time becoming past, or of the past in dynamics and impulses that have brought it to us, in a long trail of evocations of popular festivities, rituals, beliefs, values revived and reconfigured in all their magic and in all their mystery.

In Balbina's unstoppable journey, for me, in the beginning it was the river... because I met her at the exhibition in which she offered us a true pictorial chronicle of the Douro, sliding between banks, from the source to the mouth, embedded in the enchanting beauty of landscapes, where the peoples only sensed each other, without seeing each other... I found her, later, in another and surprising thematic cycle, in the exhibition of the Ritual masks of the Douro and Trás-os-Montes, in which men were present, but still without being seen... It was the beginning of a narrative trope around the mask, an incursion into ancestral roots, a telluric interweaving of emotions and knowledge, recreated in the strokes of her brushes, in explosions of colour...

Not resisting to return to a feminist perspective on the originality of her choices - a perspective that, although certainly not Balbina's, I allow myself to dare - I notice the splendid audacity with which she seizes, in order to perpetuate it in art, the masculine tradition of the mask, symbol, par excellence, of the superiority and comradeship of sex, of the feast and of the ceremonial strictly

forbidden to women... This is a harbinger, a sign of the subversive and libertarian force of her artistic adventure. Soon after, she will overcome one last barrier, at the moment when the fragmentation or transparency of the masks exposes... female faces! A definitive break with the interdict. Transgression, which Paula Rego would undoubtedly greet with "the enjoyment of the inversion and dislodging of the established order."

In her most recent exhibition, entitled "The Second Skin", Balbina's narrative ingenuity does not reveal to us, rather does it thicken the secret of the games between the uncovered faces and their masks, but reveals her, definitively, as an astonishing portraitist, of the face, of its metamorphoses, of the tangible and the intangible. It confirms her incessant questioning about being, its mutations and appearances. It is now in Literature that she seeks inspiration, glossing, in enigmatic effigies, Pessoa's mottoes. The answers she finds on the canvas are always a source of successive interrogations, of demands inspired by the Poet's heteronym, or even, perhaps, simply by the duplicity of the "I" of each one of us. As Maria Anderson used to say: "Anyone fictionalizes their own identity. We don't always fictionalize ourselves in the same way. We keep changing the script". Or, following Maria Velho da Costa, we can ask ourselves: "Who am I? Maybe I'm who I'm going to be..."

The person. The persona... Where are you going, Balbina Mendes? Where will the great cultivator of arcane knowledge and enigmas of the spirit take us, in the urge to break boundaries, in an introspective dialogue with the Arts, with Life, with us, in her increasingly fascinating visual messages?

cia, da superioridade e camaradagem de sexo, da festa e do cerimonial rigorosamente interditos à mulher... É um prenúncio, um sinal da força subversiva e libertária da sua aventura artística. Logo depois, vai ultrapassar uma última barreira, no momento em que a fragmentação ou transparência das máscaras põe a descoberto... rostos femininos! Uma definitiva ruptura com o interdito. Transgressão que Paula Rego, sem dúvida, saudaria com "o gozo pela inversão e pelo desalojar da ordem estabelecida".

Na sua mais recente exposição, intitulada "A Segunda Pele", o engenho narrativo de Balbina não nos revela, antes adensa o segredo dos jogos entre as faces desocultadas e as suas máscaras, mas revela-a, definitivamente, como assombrosa retratista, do rosto, das suas metamorfoses, do tangível e do intangível. Confirma o seu incessante questionamento sobre o ser, as suas mutações e aparências. É, agora, na Literatura que busca inspiração, glosando, em enigmáticas efigies, motes Pessoaanos. As respostas que encontra na tela são sempre fonte de sucessivas interrogações, de demandas inspiradas na heteronímia do Poeta, ou até, talvez, simplesmente na duplicidade do "eu" de cada um de nós. Como dizia Maria Anderson, "Qualquer pessoa ficciona a sua própria identidade. Não nos ficcionamos sempre da mesma maneira. Vamos mudando o guião". Ou, secundando Maria Velho da Costa, nos poderemos interpelar: "Quem sou? Talvez seja quem vou sendo..."

A pessoa. A persona... Para onde vai, Balbina Mendes? Para onde nos levará, no ímpeto de romper limites, a grande cultora de saberes arcanos e enigmas do espírito, em diálogo introspectivo com as Artes, com a Vida, conosco, nas suas cada vez mais fascinantes mensagens visuais?

Maria Manuela Aguiar
Ex Secretária de Estado das Comunidades
Former Secretary of State for Communities